

6. TRANSMUTANDO AS PERFORMANCES DOS CORPOS: REBELDIAS E TRANSGRESSÕES EDUCACIONAIS

Flávio Nunes dos Santos Júnior

Vitor Nunes Quaresma

Corpos que ocupam o espaço/lugar? Os corpos modelam os espaços? Ou são amordaçados por ele? Silenciados? Imobilizados? Vigiados? A arquitetura física e simbólica endurece para o encarceramento das mãos, pés, peles, pernas, rabas? Onde, neste lugar, alarga-se o espaço para o gozo dos desejos e afetos dos corpos? Surge das dúvidas e CUriosidades a necessidade de refletir como es(o)corre o suor da experimentação dos corpos nesta escola.

O presente relato traz interpretações de uma tematização da dança com estudantes de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, situada no distrito do Capão Redondo. O trabalho envolve duas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental I. Antes de adentrar ao debate da prática pedagógica, achamos pertinente situar a leitora sobre o contexto que nos envolve.

Nós, professoras, estudantes, funcionárias, nos encontramos diariamente numa unidade educacional que assume características físicas, simbólicas, organizacionais e culturais que inscrevem e imprimem marcas em todos os atores, não só nas crianças, mas também nos docentes, bem como funcionários e equipe gestora.

Assim que transpassam os portões escolares, as crianças devem se posicionar em filas para aguardarem a chegada das professoras após o sinal. O trânsito até suas respectivas salas se dá de igual maneira, ou seja, um atrás do outro. Ao chegarem à classe, encontram um arranjo físico e mobiliário - carteiras e cadeiras enfileiradas ou dispostas preferencialmente no formato da letra “U” – alinhado ao gosto da maioria do grupo docente e equipe gestora. Uma organização definida em reunião pedagógica sem qualquer tipo de consulta prévia às próprias crianças.

Dentro deste cenário, observamos as identidades de gênero amplamente ligadas a uma situação normatizante, binária e heterocentrada. Parte-se do pressuposto da norma biológica sobre os corpos. Corpos com pênis são homens, meninos, e corpos com vagina são mulheres, meninas. A arquitetura das filas os normatizam de maneira violenta, necas se enfileiram com necas e mapoas se enfileiram com mapoas.

Esta lógica segregacionista dos corpos transcende para outras esferas, na arquitetura dos banheiros coletivos, ilustrado por símbolos que representam certo tipo de corpos e de sujeito, contendo a cor azul para eles e rosa para elas. Isso quando não aparece nas experiências tecidas em aula; reduzindo a responsabilidade delas a uma tarefa, enquanto a deles se manifesta em outras. Interessante lembrar que essa sistematização se dá de maneira bem naturalizada por parte de quem a propõe.

Fortalecendo o processo normatizante, funcionários e equipe de limpeza, em alguns momentos, permanecem nos corredores da escola para fiscalizar o vaivém das estudantes durante os mais variados momentos. A recomendação maior é para restringir a correria, não deixá-las correr de modo algum pelas escadas, corredores, pátios, salas. Sendo assim, seja no recreio, nas trocas das aulas, no trânsito para utilizarem outros espaços da escola, a orientação sobre os corpos infantis é “não pode correr”, “para de correr, menina”. Durante o recreio, um dos momentos mais esperados pelas crianças, desejo visivelmente exteriorizado por seus corpos, realizam-se atividades dirigidas, vigiando qualquer ato de rebeldia que tente escapar. Atividades de xadrez, “cobranças de pênalti” e corda, são as tarefas mais produzidas para conduzir ou manter os corpos num estado de calma.

Num dos momentos de saída, uma estudante me abordou para exteriorizar sua insatisfação com a repressão que sofreu durante seu precioso recreio. “*Professor, tomei suspensão*”. “*Por quê?*”. “*Porque eu corri no recreio. Está muito chato isso aqui. Não pode correr na sala, não pode correr no corredor, não pode correr no recreio, não pode correr em lugar nenhum. Vou mudar de escola*”. Neste ensejo, visualizamos as práticas afastadas das experiências infantis, dos conhecimentos que

elas possuem, valorizam, carregam. A tensão maior entre as atrizes docentes e coordenação é pelo alcance da leitura e escrita alfabética até o terceiro ano conforme orienta o PNAIC²⁷, para isso lançam mão de tarefas como cópias, interpretação de atividades xerocadas e utilização de livros didáticos e apostilas do governo.

A leitura e a escrita das estudantes, desde a maneira como se pensam e estruturam as aulas até a análise dos resultados, se baseiam geralmente na psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro. Alçada ao nível de verdade absoluta, tal vertente emoldura as práticas docentes quase em sua totalidade. Em nenhum momento se reflete sobre saberes outros, sobre possibilidades outras de ler e escrever, de ser lido e de ser escrito.

Não precisa de muito rigor acadêmico para enxergar que esse aporte teórico, ao referendar para uma universalidade de infância, uma maneira única e hegemônica de aprender e de pontuar o tempo que se aprende, nutre-se de uma visão biologicista de desenvolvimento de mulher e criança, que nega as possibilidades históricas, culturais, sociais e políticas na vida dos sujeitos.

Diante de tanto encarceramento de movimentos, desejos, ideias, afetos, lutas, os corpos se manifestam com ações de transgressão e rebeldia, tanto professoras como estudantes. As crianças anunciam a todo instante seus descontentamentos com essa estrutura moderna, rompendo, escapando, rebelando-se, explodem as rédeas. Para doutrinar infâncias rebeldes, recorre-se ao temido Caderno de Ocorrências, onde são registradas as desobediências, a fim de anunciar os fatos aos familiares num futuro breve.

Não para por aí, para a garantia do silenciamento das transgressões e da manutenção das normatizações e regras impostas sobre os corpos na escola, outros mecanismos de vigilância são ostentados: câmeras que filmam todas as salas de aula e corredores; cadernos de registro das atividades desenvolvidas, bem como do conteúdo que

27. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ou seja, ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental.

se tentou ensinar na aula; agendas “pedagógicas” individuais para anotar a realização ou não da tarefa proposta por parte das alunas. Todos estes dispositivos de vigilância são perpassados pela punição.

No interior desse organismo vivo que goza ideologias, nota-se, por meio das atitudes, dos diálogos, das conversas, o privilégio de práticas que não contrariem o imposto, o já dado como verdade, o normal. Atividades extraclasse e a circulação mais livre das estudantes (a não utilização de filas) são questionadas com veemência, e chega-se a proibir a utilização de espaços ao ar livre por professoras que não sejam de Educação Física.

Dessa forma, os mecanismos de vigilância não oprimem somente estudantes, mas também professoras e funcionárias. As práticas docentes que buscam fugir desta lógica arbitrária em relação à organização das salas, ao trânsito, aos saberes, às vontades e aos desejos infantis, que estão em busca de construir ações que deem espaço para ecoar as vozes das estudantes e a sua cultura, são vistas como estranhas, incoerentes, arriscadas, logo, encontram grandes barreiras.

É neste lugar que os corpos vivem. É neste espaço que são imprimidas marcas e inscrições que modelam formas de ser e relacionar-se, formas de desejar e movimentar-se. É neste lugar que a opressão se faz tão presente, que o horário de ir embora é o mais esperado e o mais libertador para algumas crianças. Oprimidos por regras, normas, mordanças, grades, trancas, portas, paredes, autoridades, saberes, as peles gotejam de seus poros muito suor, alguns cheiram submissão, outros rebeldia.

Na tentativa de fissurar essa estrutura de encarceramento, iniciamos um trabalho conjunto, de transgressão. Envolvendo duas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental I, buscamos apresentar às crianças outro modo de viver o espaço escolar, de trazer para cena educacional suas experiências de vida, seus conhecimentos, a fim de que pudessem namorar intensamente aquilo que as cercam cotidianamente.

Vale destacar, neste momento, que embora se produza aqui uma crítica à estrutura organizativa da arquitetura escolar, não fazemos defesa por um *laissez-faire*, de cada uma fazer o que bem deseja, pois a escola tem um compromisso social a cumprir, exposto em seu

Projeto Político Pedagógico, além disso, a prática pedagógica está ancorada num determinado referencial teórico.

Neste frenesi escolar, consideramos pertinente mergulharmos no universo da dança, uma vez que a escola sente enorme atração por essa prática corporal no mês de junho. Seu uso se faz recorrente para promoção de apresentações diversas no evento junino que normalmente ridiculariza o sertanejo e o caipira, assim, atraindo os conhecidos e familiares das crianças ao espaço educacional para prestigiá-las, e o mais importante, para consumir os produtos dispostos nas barracas.

Sendo assim, o tratamento pedagógico dado ao tema reforça ainda mais as desigualdades e as diferenças entre os inúmeros grupos que compõem a sociedade, não ajudando em nada as discentes a entenderem os significados que compõem tais manifestações, bem como as pessoas que delas se assumem fazer parte. Logo, este tipo de prática se apresenta de maneira *souvenir*, turística, pois passada a festança, tudo volta ao normal.

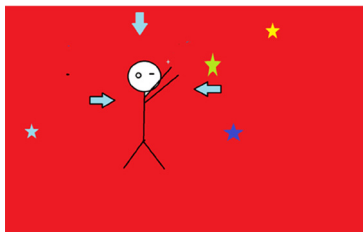
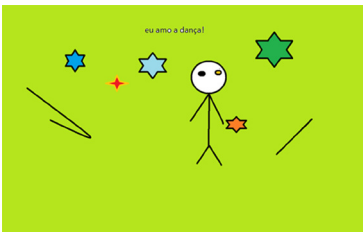
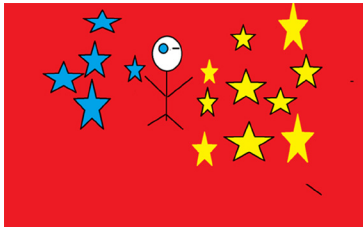
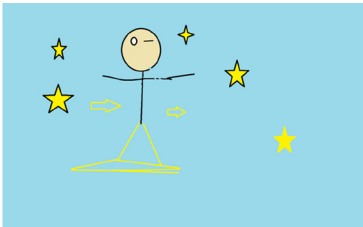
Dessa forma, a tematização da dança que se apresenta aqui busca rechaçar tal produção. Empreende um tratamento digno e coerente com aquilo que se apresenta na comunidade, na fala das estudantes, nos corpos que circulam, que silenciam, aquilo que se manifesta nos pensamentos vazios, nas línguas que se vagueiam pelos corredores, recreios, trocas de aulas, entradas, saídas.

Nessa orgia de saberes e conhecimentos que fluem, vão e vem pelas frestas, tecemos um diálogo com as estudantes sobre o que pensavam ou conheciam acerca dessa prática corporal. Em meio aos gritos, à vergonha, à timidez, disseram: “*a dança é chata, a bola é legal*”; “*dançar é o passinho dos maloka*”; “*dançar é mexer o corpo*”; “*é se divertir*”; “*é mexer a bunda, a cabeça, os pé, o ombro, o pinto, os braços, as tetas*”; “*é mexer o corpo no ritmo da música*”; “*é rebolar*”.

Além de identificar como entendiam a dança, tentamos também verificar em quais lugares acreditavam ser possível manifestar a sua prática, assim, disseram o seguinte: “*palco, baile funk lá na 17, em casa*”. Neste bate-papo inicial, anunciaram também: “*funk, sertanejo, hip-hop*”; “*dançar não é de Deus*”.

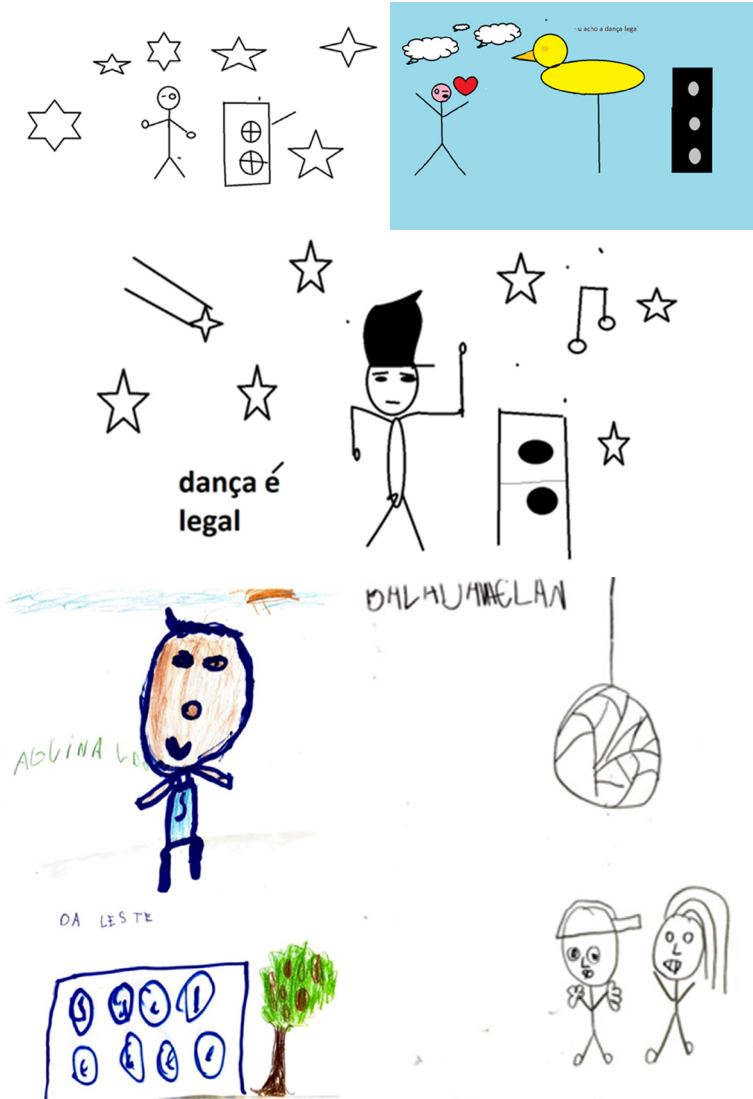
Para potencializar este momento inicial, solicitamos a produção de um registro no formato de desenho, assim, um grupo o realizou

durante a aula de informática, recorrendo ao programa *Paint*, enquanto outro o desenvolveu manualmente:



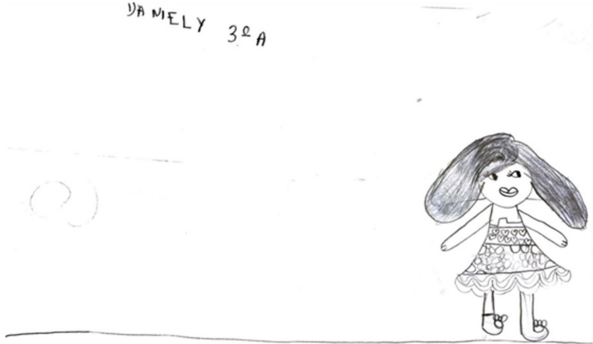
DANÇA É DAORA







DAMELY 3ª A



Fonte: Acervo do autor.

Ao analisar os desenhos e as falas das crianças, percebemos a anunciação de inúmeros elementos que, para as crianças, envolvem

a ocorrência social da dança. Neste sentido, visualizamos os corpos postos dentro de uma condição binária, homem e mulher, um corpo higienizado, legitimado pela ciência médica moderna, representando sujeitas brancas, magras.

Além deste corpo humano que dança, que se expressa, identificamos outros corpos atravessando as comunicações. O corpo música, com suas aparelhagens, notas musicais; o corpo religioso, igreja; o corpo dança, passinho dos maloka, hip-hop, passinho do romano, sertanejo.

Olhando todo este cenário efervescente, de corpos pulsantes, tínhamos de escolher uma rota, cientes de que não daríamos conta de problematizar aquilo que identificamos conforme nossas limitações, uma vez que diversas coisas são expressas pelas crianças durante a aula, porém nossa percepção, por estar presa a um jogo social repleto de significações num determinado contexto, apresenta-se de maneira limitada.

Dessa forma, nos sensibilizamos por levar à aula seguinte os próprios desenhos produzidos por elas, a fim de identificarmos a leitura que poderiam fazer sobre suas respectivas produções, de perceber o que a colega desenvolveu. Sendo assim, ao projetarmos os retratos de suas atividades, solicitamos que nos dissessem suas interpretações sobre os corpos das sujeitas retratadas, com isso anunciaram: “*Dani Russo*”; “*cabeça grande*”; “*palito, magro*”; “*alguns são gordos*”; “*são feios*”; “*são pequenos*”; “*casal*”; “*cabelo liso*”; “*homem*”; “*mulher*”; “*usa vestido*”.

Além desta tarefa analítica sobre a autoprodução, projetamos vídeos de múltiplos corpos dançantes do corpo musical funk. Corpos negros e translesbicas. Corpos completamente desviantes dos padrões impostos pela sociedade e legitimados nas práticas da instituição escolar moderna. Corpos que racham a estrutura higienista e segregacionista. Corpos que sofrem a violência da arbitrariedade das concepções psicobiologistas de uma ciência masculina, europeia, branca e heteronormativa. Corpos que fissuram os dogmas racistas, machistas, misóginos, transfóbicos e xenofóbicos pregados pelas religiões cristãs, pela indústria mercadológica e pela grande mídia.

Ao lançarmos vídeos do grupo “*Bonde das bonecas*”,²⁸ gritos se ouviam de todos os lados, falas se anunciavam, corpos pulavam, mexiam, aplaudiam, alguns se assustaram, permaneceram quietos. “*É viado*”. “*É você*”. “*Eu não, é você*”. “*Credo*”. Essas falas apareceram como insultos, ofensa uma à outra, de ridicularizar a companheira. Entretanto, as experimentações com as translesbichas foram se produzindo, os movimentos revelados na coreografia foram inscritos nos corpos das crianças. “*O que é isso?*”. “*Espacate?*”. “*Sim*”.

Quando mudamos o vídeo para o “*Passinho do Romano*”, com meninas negras na cena, performando suas experiências e desejos com a dança, a movimentação se deu de maneira mais intensa. “*Essa é pesada*”. “*Essa é minha favorita*”. “*Eu gosto mais dessa*”. Braços, ombros, pernas, tetas, se expressavam. Uma roda em volta de uma delas foi construída, seu nome era dito sob muitos gritos e aplausos.

No nosso caminhar de possibilidades, leituras emergiram de alguns lados sobre a produção tecida. “*Foi chato, não deixou eu brincar*”. “*Eu achei legal juntar as duas salas*”. “*Não gostei porque vocês falavam e eles não ouviam*”. “*Agora a culpa é nossa*”. “*A música foi zika*”. “*Gostei não*”. “*Foi da hora a música do passinho dos maloka*”. “*Gosto de funk*”.

Ao travar este diálogo com as estudantes, nota-se a fluidez de discussões direcionadas às interdições produzidas sobre corpos que flutuam entre as situações de resistência com a expressão “*Foi chato, não deixou eu brincar*”. Além disso, percebem-se interlocuções que nos permitem considerar uma percepção por parte das crianças frente à sua cultura experiencial, aquilo que é vivido e experimentado fora dos muros escolares. “*Gosto de funk*”.

Neste ensejo, mesmo não sendo do gosto de alguns e desejado por todos, insistimos em centralizar no currículo aquilo que compõe a cena local, os corpos musicais dissidentes. Ao se deparar novamente com o “*Bonde das bonecas*”, ecoaram vozes, sentimentos, gestos. “*É viado*”. “*Tira essa coisa de viado, é muito feio*”. “*É ruim*”.

28. Os vídeos podem ser acessados no seguinte link: <<http://bit.ly/2OUtEoD>>. Acesso em: 02 set. 2018.

“Nóis é homem e não pode ver isso”. “Eu vou sair”. “Deus me livre, eu vou sair dessa sala, que bichas feia”.

As risadas de deboche, as falas hostis, os olhares de nojo, a adjetivação pejorativa, os dedos de apontamento, a zuação, os movimentos de insatisfação e repulsa, o silêncio, a desaprovação, a contração dos corpos, a paralisação dos gestos, a abertura das bocas, o cerrar dos olhos, o engessamento das danças, o espanto e o incomodo diante dos corpos translesbichas, nos fizeram ver o quanto essas identidades transmutadas de gênero geram desconfortos e violências. Sendo assim, nos fizeram pensar em como os rituais da cis-heteronormatividade²⁹ começam a se naturalizar cedo nas sujeitas políticas, levando-as a reproduzir, diante da experimentação com corpos que transcendem, um vômito social carregado de preconceito e discriminação.

Codificados como meninos ou meninas antes mesmo de seu nascimento, em virtude da genitália que carregam, as estudantes aprendem, de maneira imperiosa, a performar o gênero. Seja na escola, na família, na maternidade ou na religião cristã, as práticas e os discursos se alinham com necas e mapoas. Tornam-se homens e mulheres, passando a teatralizar as normas impostas e controladas socialmente ao gênero.

Diante deste império social, qualquer distorção, escape ou transgressão de sexualidades e identidades de gêneros é vista como monstruosidade e aberração. Para alguns, o caso é observado como uma doença e necessita de um tratamento psicológico e espiritual. Enquanto para outros é encarado como rebeldia, insubmissão, revolta.

Caso as bonecas envidescidas e rebolantes apresentadas no vídeo se materializassem na performatividade construída em meio à aula, diante da nebulosidade que se criou das violências infantis, provavelmente tesouras cortariam seus cabelos e seus microshorts apertados nas rabas, roupas masculinizadas seriam costuradas e colocadas como camisas de força, a fim de esconder suas peles pretas de bixas, seus

29. Cis-heteronormatividade: pode ser considerado como uma conjunto de normas, regras, Controles e vigilâncias que se expressam de diferentes maneiras nas esferas culturais, políticas e sociais dos discursos, dos poderes, das experimentações dos corpos que alçam a heterossexualidade a nível de padrão.

corpos seriam forçosamente acorrentados para que dançassem como machos e deixassem de jogar seus grandes edys para cima e para baixo.

A provocação deste novo encontro disparou novos desejos, emoções, vontades, expressões que até então ainda não foram vistas com tanta potência. O incômodo com os padrões heteronormativos foi gerado, desconsertando novamente algo que carece de enfrentamentos. A gay apresentada na imagem, mesmo que mostrando movimentos pré-formatados do corpo funk, abala o imaginário. As ameaças de fuga da sala, afloradas nas falas das alunas, nos acalentam, transmitem potentes vibrações ao nosso fazer pedagógico.

As insinuações não permitidas dos diferentes corpos, não legitimadas, repetidas insistentemente nos vídeos, rumaram para um trajeto desconhecido. “*Tira esse vídeo, professora*”. “*De novo esse vídeo?*”. “*Ricardo, por que você está chorando?*”. “*Os moleques ficam falando que sou eu dançando*”. “*E o que tem?*”. “*Eu não gosto*”. Lágrimas, risos, passos, movimentos e mais um monte de coisas atravessando nosso viver, que somos incapazes de identificar ou capturar em virtude de nossas limitações. O que falar ao Ricardo? O que não dizer? Por onde ir? Por onde penetrar o imaginário? Como transformar o não lugar, que os corpos transmutados são vistos, em lugar na experimentação infantil? Foram essas as primeiras reflexões ao tomar contato com essa cena.

Dessa forma, fomos conduzidos para outro lugar, experimentando reflexões sobre estes corpos carregados de marcas modernas coloniais, machistas, racistas, heteronormativas, cristãs, eurocentradas. Problematizamos juntos os motivos que nos deixam desconfortáveis quando nos deparamos com certos corpos; por que não queremos sê-los e/ou tê-los? Por que nos incomodamos com eles? Após os questionamentos, veio enlouquecidamente um silêncio ensurdecedor. “*Trouxemos esses vídeos justamente para provocar essa sensação em vocês, porque nos desenhos que produziram inicialmente não apareceram esses corpos. Como vocês disseram em outra aula, tinha somente a representação de corpos magros, brancos, homem e mulher, cabelo liso. Daí a ideia de mostrar outros, corpos que merecem viver assim como os nossos, porém*

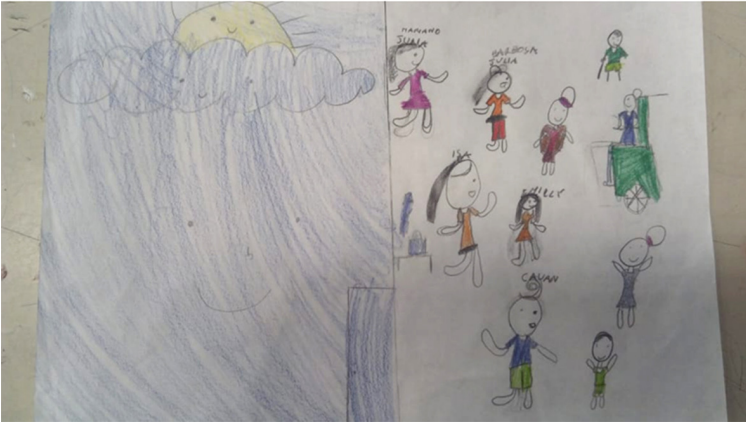
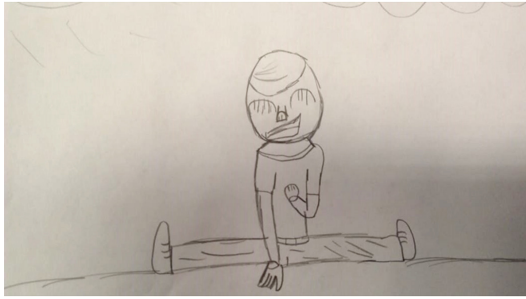
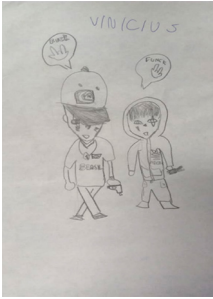
sofrem violências físicas e verbais a todo o momento, como as que foram faladas no momento em que passavam os vídeos”.

“É verdade, professora”. No momento em que anunciava tais observações, uma aluna rapidamente produziu uma nova arte. “Olha, é um homem gordo e negro”. “Nossa professora, parece com você”.



Fonte: Acervo do autor.

Nesta conjuntura, solicitamos que retratassem, numa nova produção artística, seus próprios corpos, acompanhados de outros que surgiram nos vídeos assistidos anteriormente.





Fonte: Acervo do autor.

No momento da produção, não faltaram comentários sobre as experiências obtidas fora da escola. Aquilo que ouviam e experimentavam junto da família era posto para fora, um processo de autorreflexão. “*Minha prima falou que não gosta de negros, eu sou assim e tenho muito orgulho de mim*”. “*Se meu pai descobrir que estou desenhando isso, ele vai me matar*”. Expressões que surgem em meio ao desenvolvimento artístico de corpos negros e gays, respectivamente, aparecem como uma navalha afiada, cortando o corpo do preconceito e discriminação, bem como transgredindo a fixação arbitrária dos padrões comportamentais e de existência.

Escrevendo um novo capítulo deste percurso, novamente iniciamos a aula expondo um vídeo com esses corpos dissidentes, juntamente com fragmentos registrados na aula anterior. Estranhamentos não faltaram, alguns deram risadas e mantiveram o olhar atento ao se perceberem na tela, algo ainda não vivido numa aula. Ao visualizarem uma criança negra dançando: risos, apontam o dedo, falam. “*Quem é esse locão aí?*”. “*Parece o Rafael*”. “*Sai fora*”. Rafael não gostou. “*É o Fernando*”. Fernando ri. Algumas estudantes performam ao seu modo o que veem. De maneira ‘escondida’, em montinho e buscando ritmar com a música ouvida, algumas crianças dizem umas às outras “*Pega logo no meu pau*”.

Diante de um cenário agitado e dinâmico, numa sala onde o silêncio é como se fosse uma prece em outras circunstâncias – a sala de leitura –, alunas mexem os pés, outras balançam o corpo, giram a cabeça, ficam sentadas e quietas, batem palmas, pulam, rebolam, correm, incorporam movimentos do frevo ao dançarem funk, so- bem na mesa para rebolar.

Buscando expandir as produções, apanhamos a caixinha de som e o celular e nos dirigimos para um espaço externo para experimentar outros modos de performar o corpo funk. A ideia de explorar um diferente lugar surgiu após nossa percepção acerca das imposições produzidas pelas cadeiras e mesas, artefatos que, em alguns momentos, contribuem para a realização de tarefas, entretanto notabilizamos o quão opressores também podem ser, mantendo os corpos infantis quietos e calmos diante das propostas encaminhadas em aula.

Deste modo, o contato dos corpos num outro território nos fez acreditar na produção de novos encontros. Logo de início apareceram movimentos ligados aos realizados pelos sujeitos apresentados nos vídeos. “*Professora, coloca Só quer Vrau*”. “*Põe agora Mc Loma*”. “*Coloca WM*”. “*Mc Kevinho*”. “*Coloca fuleragem*”. Em meio a uma música e outra, corpos atravessavam uns aos outros. “*Empurra não, meu*”. Pernas se mexiam, uma mistura de samba com corrida estacionada. Ressurge passinho do frevo em dupla (de mãos dadas, em movimentos sucessivos de levantar e agachar, à medida que abaixavam, estendiam uma das pernas à frente com o calcanhar tocando o chão). Cabeças giram, braços se balançam, quadris rebolam.

Nesta fluidez e transações de experimentações, cada um, ao seu modo, colocava em cena suas interpretações e produções gestuais. “*Olha isso aqui*”. “*Você nem sabe*”. “*Sei sim*”. Os desafios seguiram constantemente, mostrar as inovações e criações era tarefa de fundamental importância. Alguns corpos preferiram apenas observar. “*Dança aí*”. “*Eu não*”. “*Olha como é fácil*”. Após o insistente chamado, umas permaneceram visualizando as colegas, enquanto outras se embebedaram do êxtase das batidas do funk, dos gestos e risos dos colegas e passaram a se arriscar na dança.

Neste buliçoso devir, abrimos espaço para estudantes de outras turmas, corpos ferventes. “*Bota passinho dos maloka aí prof*”. “*Olha o Douglas*”. “*Vai José*”. “*Agora a Vitória*”. “*Vem Camily*”. “*Vai mano*”. “*Dá licença*”. “*Eita, olha o espacate*”. “*Faz o bonequinho*”. “*Dá estrelinha aí, vai*”. Num entra e sai, sobe e desce, borbulham-se falas, desafios, demonstrações. Não demorou e logo formaram três grupos, compondo uma espécie de triângulo, um grupo desafiava outro, chamando-o ao centro, cada integrante produzia o que bem quisesse, não havia sincronia de movimentos, nem mesmo predefinições.

“*Professora, tem um menino do primeiro ano que dança muito*”. “*Chama ele lá*”. Ao aparecer em meio às produções, sua presença foi disputada pelos grupos, conquistou quem o chamou primeiro. A cada lance e aparição ao centro, desmoronava-se parte dos discursos que impedem as trocas de aprendizagem, informação, conhecimen-

tos e saberes entre os diferentes corpos discentes. “*O moleque dança muito, hein*”. “*O baixinho, vem pra cá*”.

No andar da tematização, surgiu a realização da tradicional festa junina, mascarada por uma nova roupagem sob o nome de evento cultural. “*Professora, vamos fazer na festa?*”. “*Podemos fazer*”. A semana que antecedia a festa foi agitada, recortes de papéis e tecidos para decoração, pintura de desenhos, leitura de histórias, fixação de bandeirolas, suspensão de balões e, talvez, o mais importante feito para parte do coletivo docente e gestão, o adestramento coreográfico de corpos ao som de músicas de diferentes lugares do Brasil para apresentar à família e aos amigos.

Estas ações deslocadas de contextos são transpassadas pela falta de saberes outros, pela desvalorização das culturas alocadas distantes das grandes metrópoles capitalistas. Assim, aparecem marginalizadas, em virtude da intensa valorização de modelos, costumes e hábitos de um homem urbano, higienizado, racional, civilizado e branco. Esses componentes fazem deste território teatralizado chamado “Festa Junina”, um campo fértil para produzir expressão e automatização de significados sociais que criam e reforçam estereótipos e preconceitos, à medida que empurram a cultura sertaneja e nordestina para o campo folclórico e escárnio com a construção do corpo “caipira” desdentado, maltrapilho, que fala “errado”.

Chegado o dia do denominado evento cultural, fluem no ambiente brincadeiras, comidas, som, músicas, decorações, um cenário perfeito para poses diversas de frente às câmeras de celulares. Uma situação que acoberta a ampla gama de significados que perpassam as práticas culturais e seus respectivos praticantes, objetificando os corpos infantis para interesses pouco pedagógicos. Sendo assim, coloca-se como uma produção escolar de aparente conforto, na qual as crianças são convidadas ou convocadas a cumprirem o protocolo treinado e decorado anteriormente, bem como acessar, junto com seus familiares, os quitutes e atividades expostas para consumo, claro, desde que tenham condições econômicas para tal.

Ao aguardar alguns instantes durante o evento. “*Passinho dos malokas, hein*”. “*Tudo bem*”. As crianças se posicionam, faltavam

muitas delas, porém quando a música começou a tocar, surgiram de modo inesperado alguns sujeitos nunca vistos. Diferente de outras produções, a participação dessas pessoas foi bem aceita por todos. Um grupo ocupa o centro, sai e chama outro. Cada integrante à sua maneira se movimentou, vivenciou, experimentou, trocou, pulou, falou, expressou, cantou. “*Já acabou?*”. “*Nem deu para dançar direito, professora*”. “*Põe de novo*”. “*Claro*”. E mais uma vez performaram aquilo que aprenderam com os colegas, primos, tios ou assistindo vídeos divulgados na internet.

Vivenciada e experimentada a dança nesta atividade, dialogamos no dia seguinte com a turma sobre o quão diverso e valioso foi a participação de cada um, bem como a interação com as colegas do fundamental II no momento da dança. Uma situação pouco explorada e alimentada nas práticas educacionais que, por sua vez, insistem em separar, segregar e interditar as trocas, as fusões de experiências entre esses corpos de dimensões e faixa etárias diferentes.

Contudo, encaminhando nossas práticas para algumas considerações provisórias, sentamos com elas, em pequenos grupos, a fim de tecer um diálogo e identificar o que percebiam e visualizavam nas produções organizadas e experimentadas nas aulas. Inicialmente envergonhadas e desconfiadas, uma vez que as retiramos da atividade proposta enquanto outras mantinham acesas as chamas da dança em outro espaço. Explicamos a cada grupo que optamos por este critério de avaliação, pois não compactuamos e duvidamos extremamente das promessas produzidas sobre provas, testes e/ou questionários que tomam boa parte das atenções dos processos pedagógicos lançados no ambiente educacional.

Dessa forma, expressando seus sentimentos, sensações e observações, as crianças nos comunicaram coisas que até o momento ainda não tinham sido percebidas por nós. “*Pode dançar em qualquer lugar*”. “*Eu danço às vezes, mas eu gosto mais é de assistir, porque eu aprendo*”. “*Eu nunca dancei*”. “*Dançar é passar tempo*”. “*Eu aprendi a dançar com todo mundo que dançava*”. “*Eu tenho vergonha, eu não danço certo*”. “*O pessoal do quinto ano fica falando que tá errado. Ai*

fico sem vontade". *"Eu tô achando chato, é legal porque eu tô brincando"*. *"Eu tô achando legal"*. *"Eu não sei dançar, é coisa de menina"*.

Estas frases, na verdade extensos textos, soaram em nossos ouvidos como enorme ruído, nos provocando desconfortos acentuados. As crianças passaram por situações que fomos incapazes de perceber, mesmo estando atenta para as expressões, colocações, proferidas nos inúmeros casos. O impacto da fala de algumas estudantes abrandou a potência, o desejo de experimentar outras sensações ao entregar o corpo para as vibrações provocadas pelas músicas colocadas. Tal ocorrência se deu apesar do considerável esforço em não homogeneizar as experiências e movimentos, instigando cada uma a inventar e demonstrar suas performances.

No meio dessas considerações infantis, não menos importante ou relevante que de outra sujeita com mais idade, surgiram afirmações que nos levaram para outro lugar, vieram como uma marretada, pondo tudo a desmoronar sobre nossas mentes e concepções. *"Eu não danço porque os meninos 'bate' e 'olha' na nossa bunda"*. *"É verdade, a gente já falou para você e você não fez nada"*. Essas falas nos desconsertaram, ou melhor, nos destruíram. As crianças novamente gritaram situações que não fomos suficientemente capazes de encarar da maneira como deveríamos.

Contudo, as problematizações não se encerram neste momento, nem podem, temos ainda muito a enfrentar, como nos deixaram claro as considerações supracitadas. Finalizamos o semestre com este anúncio, mas não concluímos as tensões, as travestidas e transgressões pedagógicas. Seguiremos a caminhada firmemente, sob muitas desconfianças e intensas reflexões de como reorganizar o percurso, buscando sempre escapar das roubadas lançadas pelas imposições e obsessões de uma educação pautada para atender às necessidades imperiais do mercado neoliberal. Estrutura que tenta colocar o mesmo tempo de aprendizagem para todas, por exemplo, impondo alfabetização até o segundo ano do Ensino Fundamental I, além de homogeneizar as relações entre sujeitas. Sendo assim, assumimos como foco da nossa missão, após juntar os cacos produzidos pelas marretadas da sinceridade infantil, o reafirmamento da luta

contra todo tipo de opressão, interdição, discriminação e repressão dos corpos que escapam dos padrões forjados, desejados e impostos por quem está preocupado apenas com seus interesses dominadores. Isto é, estamos sensíveis em produzir práticas pedagógicas que dialogam ao lado de corpos que vibram, cheiram, falam, respiram, pulsam, transpiram, ejaculam, salivam, cospem TRANSGressões.